

HISTORIOGRAFIA, ZAPATISMO E MOVIMENTOS SOCIAIS: MAPEANDO A ARTE E COMPREENDENDO A PROBLEMÁTICA

HISTORIOGRAPHY, ZAPATISM AND SOCIAL MOVEMENTS: MAPPING ART AND UNDERSTANDING THE PROBLEMATIC

Rodrigo de Moraes Guerra¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Resumo: O presente artigo tem como objetivo realizar uma análise acerca da evolução dos estudos dos movimentos sociais, desde uma perspectiva clássica, pautada nos modelos estruturalistas, até o tempo presente com os chamados Novos Movimentos Sociais. Para tanto, utilizamos como objeto de pesquisa o movimento zapatista e buscamos mapear como tal movimento vem sendo debatido na academia brasileira e, do mesmo modo, como reflete esta evolução nas perspectivas dos estudos dos novos movimentos sociais e sua integração com o mundo, no intuito da construção de novas realidades possíveis. Por fim, propomos a relevância em se buscar novas perspectivas teórico-metodológicas sobre este campo de estudos.

Palavras chave: Movimentos Sociais, Zapatismo, História da América, História do Tempo Presente, Teoria da História.

Abstract: This article aims to analyze the evolution of social movement studies, from a classical perspective, based on structuralist models, to the present time with the so-called New Social Movements. Therefore, we use as object of research the zapatista movement and we seek to map how such movement has been debated in the Brazilian academy and, similarly, as it reflects this evolution in the perspectives of the studies of the new social movements and their integration with the world in order to construction of new possible realities. Finally, we propose the relevance of seeking new theoretical and methodological perspectives on this field of study.

Keywords: Social Movements, Zapatismo, History of America, History of the Present Time, Theory of History.

Recebido em: 30/08/2019

Aprovado em: 29/02/2020

Publicado em: 11/04/2020

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História e Espaços da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), bolsista CAPES. E-mail: rodrigo.morais.guerra@gmail.com

1 A INSURGÊNCIA ZAPATISTA E A ATUAÇÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS

No dia 1 de janeiro de 1994, dia no qual o México aderira ao Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA), povos indígenas do estado mexicano de Chiapas², organizados militarmente em nome do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), apareceram para o México e para o mundo anunciando o seu “já basta!”³. Escondendo os seus rostos para que pudessem ser vistos, os zapatistas⁴ surpreenderam o mundo ao insurgir com um movimento que desafiou todos os prognósticos que apontavam para o fim da luta armada latino-americana e, mais do que isso, levantando consigo a bandeira da resistência ao colonialismo enquanto uma herança histórica e, dessa forma, escrevendo mais um novo capítulo em 1994⁵. A insurgência zapatista em nome do seu Exército, portanto, amplia a atuação dos indígenas de Chiapas para além de um conflito bélico ou disputa por posições hegemônicas de poderes institucionais, traz consigo o processo histórico e toma corpo e sentido como um amplo movimento social que remonta às origens da formação do Estado moderno mexicano e à perpetuação do *poder colonial* (QUIJANO, 2005) na formação dessa sociedade.

Estudar a capacidade transformadora dos movimentos sociais passa pela assimilação do que que o historiador francês Fernand Braudel (1992) veio a tratar como uma história de *longa duração*. Sebastião Vargas Netto (2007) endossa a posição de compreensão desta problemática a partir de uma perspectiva temporal de larga duração, principalmente no continente latino-americano, enfatizando que

² Indígenas de origem *maya* representantes das etnias *tzeltales*, *choles*, *tzotziles* e *tojolabales*. BUENROSTRO Y ARELLANO (2002a, p. 18).

³ Expressão comumente utilizada pelos zapatistas em seus manifestos como uma representação de toda a indignação diante das condições impostas aos povos indígenas, perpetuando um domínio colonial.

⁴ Na bibliografia tocante ao assunto, é comum encontrarmos o termo “neozapatistas”, quando pesquisadores querem se referir, especificamente, aos indígenas de Chiapas, insurgidos para o mundo em 1994, tendo em vista as diferentes circunstâncias e pormenores históricos que diferem o levante do final do século XX em relação ao levante do início do século XX, quando Emiliano Zapata liderou o Exército Libertador do Sul na Revolução Mexicana, logo, o “exército zapatista”. Todavia, no presente artigo, trataremos o levante de 1994 como um levante “zapatista”, pois, compreendemos uma continuidade histórica que nos permite referenciarmo-nos aos indígenas e demais comunidade que resiste em Chiapas dessa forma.

⁵ Em sua Primeira Declaração da Selva Lacandona (1994), divulgada concomitante à insurgência, os zapatistas afirmam serem produto de 500 anos de lutas, desde a colonização, até as demandas encabeçadas por Villa e Zapata na Revolução Mexicana e o abandono aos povos indígenas pelos governos subseqüentes.

Os fenômenos sociais não podem ser suficientemente entendidos se nos encerrarmos, para sua consideração, nas temporalidades da curta ou média duração, e que portanto é necessário abrir sempre generosamente a lente temporal de nosso exame, incorporando às nossas explicações estas visões de muito mais largo alento temporal (Vargas Netto, 2007, p. 161).

Sendo pois a insurgência zapatista de 1994 mais um capítulo nesta perspectiva temporal de longa duração histórica.

Para além das demandas e reivindicações que almejam suprir necessidades do presente, em grande medida, os movimentos sociais são produtos de um longo processo histórico, logo, processo este responsável por constituir relações de identidade, cultura e sonhos comuns daqueles que estimam alcançar o objetivo maior de suas lutas. No campo da ciência histórica, o estudo de movimentos sociais foi impulsionado a partir do desenvolvimento do campo da História Social.

2 HISTÓRIA SOCIAL E MOVIMENTOS SOCIAIS

Marcada por ser um campo historiográfico intradisciplinar, ou seja, por abarcar em sua capacidade de análise outros campos pertinentes à História de maneira dialógica, a História Social surgiu como um viés histórico que provocou rupturas na maneira de se fazer a ciência histórica. Embebida da fonte dos *Annales*, a História Social apareceu, pela primeira vez, na França e logo ampliou seus horizontes para influenciar outras correntes teóricas que balizavam as formas de estudar a História, propondo, com isso, novos olhares sobre objetos consagrados, tais como o movimento operário e sua perspectiva historiográfica estruturalista.

Respaldada pelas novas proposições históricas da História Social, a historiografia marxista desenvolveu grandes avanços na compreensão de novas facetas da luta de classes e relações populares a partir desse novo momento e dessa nova modalidade da História. Um dos pontos fundamentais que a História Social conferiu às interpretações pelo viés marxista, proporcionando novas perspectivas na análise sócio-histórica, consistiu na análise conjuntural da estrutura capitalista. Como bem observou José D'Assunção Barros (2005):

Também é evidente que a historiografia marxista da mesma época – seguindo os princípios norteadores que já no século XIX haviam sido indicados por Marx e Engels com vistas a uma nova filosofia da história – direcionava-se na mesma época para a elaboração de uma história preocupada com a conjunção dos aspectos

econômicos e dos aspectos sociais. O que haveria de relevante a ser estudado não era certamente a história dos grandes homens, ou mesmo a história política dos grandes estados e das instituições, mas sim a história dos ‘modos de produção’ – isto é, das bases econômicas e sociais que determinariam toda a vida social – e também a história das ‘lutas de classes’, isto é, das relações entre os diversos grupos sociais presentes em uma sociedade particularmente nas suas situações de conflito (BARROS, 2005, p. 11).

Dessa forma, a História Social passou a ocupar, a partir da primeira metade do século XX, uma posição influente no debate historiográfico, tanto com a posição dos *Annales*, ao criticar a história política dita tradicional e propor novos ângulos ao conhecimento histórico, a partir de novas interpretações de fontes - também novas - e metodologias; bem como ao contribuir para o historicismo estruturalista, a partir da abordagem das estruturas econômicas e seus reflexos na construção do social.

Diante dessa virada historiográfica, um nome que se destacou nos debates acerca dos movimentos sociais e da própria formulação teórica da ciência histórica do século XX foi o historiador inglês Eric Hobsbawm (1917-2012). Seguindo uma linha pautada pelo materialismo histórico, Hobsbawm adentrou ao campo da História Social propondo inovações, como, por exemplo, diretrizes para a escrita da história social, nas quais deveria se considerar a estrutura e mudança social e o conjunto específico de fenômenos que aconteceram; abordar a história de unidades específicas de pessoas que vivem juntas, a história da sociedade e de suas relações; a aplicação de um modelo e uma hipótese de trabalho sobre o tema central da pesquisa, partindo do ambiente material e histórico, passando às forças técnicas e produtivas, à estrutura da economia resultante e às relações sociais derivadas (MARTINS, 2012). Portanto, as contribuições de Hobsbawm caminharam no sentido de se desvincular da história tradicional e das perspectivas estruturalistas que valorizavam movimentos com objetivos políticos e estruturas organizativas claramente definidas, como era o caso do movimento operário britânico do século XIX, ampliando as compreensões históricas para ações coletivas que estão inseridas na complexa estrutura capitalista e que visam uma transformação social.

Com isso, a mudança em curso provocou um crescimento de obras historiográficas sobre o assunto. No Brasil, Eder Sader e seu livro “Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970 – 1980)” representou bem esse momento. Sader (1988) apresentou a trajetória dos movimentos sociais de São Paulo englobando novos personagens como protagonistas da história na tentativa de

transformações sociais. Dessa forma, o autor colocou tais movimentos como criadores de novos sujeitos sociais e históricos, sendo essa, portanto, a grande contribuição da sua obra nos debates historiográficos da área. A partir de então, os novos olhares sobre movimentos sociais surgiram sob uma interpretação não mais de uma história ortodoxa de classes, mas como de sujeitos históricos sociais reivindicando direitos na busca por uma construção de uma sociedade menos desigual e representando multiplicidades de ambições, de grupos e de valores. Por conseguinte, explorando os movimentos sociais como elementos constitutivos de uma sociedade que caminha em busca de se tornar mais justa e igualitária, pois “suas práticas desalojam a cultura política dominante, que relega atores coletivos (operários, pobres mulheres, negros, minorias) a lugares subalternizados, abrindo possibilidades para a conquista de direitos” (PAOLI; TELLES, 2000, apud MARTINS, 2012, p. 132).

Diante desse quadro, o movimento zapatista surgiu para o mundo como uma força transformadora da sociedade abarcando questões históricas que remetem, diretamente, aos 500 anos de dominação colonial e representando todos aqueles que estão sob esse poder. Tratando-se de um movimento constituído por pessoas que não ocupam ou almejam cargos institucionais (de acordo com seus discursos) e que se colocam na posição de rebeldes sociais, podemos aproximar a compreensão do movimento ao que Hobsbawm veio a tratar como “movimentos primitivos” e “banditismo social”. Juntamente com Hobsbawm, outros historiadores britânicos consagrados, como Edward P. Thompson, se dedicaram aos movimentos coletivos e levantes populares que não apresentavam estrutura organizativa, social e política bem delineada, passando a atribuir-lhes a alcunha de movimentos primitivos – todavia, primitivos no sentido de não estarem estruturados numa concepção moderna e por, em grande medida, suas aspirações também representarem o retorno a práticas pré-modernas. Já com o “banditismo social”, Hobsbawm nos propõe uma relação de não alinhamento dos atores sociais à ordem imposta – o bandido social, constitui um afronte ao poder político que ele não concorda e, por definição, é um rebelde social (SOARES, 2013).

A discussão acerca do movimento zapatista e sua compreensão enquanto movimento social, também está associada às ideias gramscianas da história “de baixo para cima”. É comum na literatura zapatista – comunicados oficiais e demais manifestos – encontrarmos expressões que se referem aos povos “de baixo”, o que Gramsci já nos alertava sobre a importância de se estudar a história percebendo nos povos “de baixo”, ou seja, algo como os

movimentos classificados como primitivos por Hobsbawm, como agentes efetivos da transformação social (SOARES, 2013). Dessa forma, o rebelde social é, antes de tudo, sujeito histórico, o que corrobora a transição conceitual teórica proposta pelas novas leituras da História Social. Esses estudos colocaram em evidência as manifestações populares enquanto passíveis de serem historicizadas.

A compreensão do movimento zapatista, enquanto categoria de movimento social perpassa, também, por uma melhor compreensão desta categoria, associada às idiossincrasias peculiares aos “novos movimentos”. Os Novos Movimentos Sociais, expressão cunhada na Europa, nas análises de Clauss Offe, Touraine e Melucci, consistem em movimentos que se contrapõem aos velhos movimentos sociais organizados estritamente a partir do mundo do trabalho (GOHN, 1995, p. 44). Assim, a discussão ligada aos “novos movimentos sociais” é justificada enquanto movimentos que vão além do conflito de classes, envolvendo questões culturais, de identidade, de direitos, etc. De acordo com Gohn (1997), os Novos Movimentos Sociais são definidos a partir de um conjunto de características tais como a construção de um modelo teórico baseado na cultura, negando a visão funcionalista da cultura como um conjunto fixo e predeterminado de normas e valores herdados do passado; negação do marxismo como campo teórico capaz de dar conta da explicação da ação dos indivíduos e, por conseguinte, da ação coletiva da sociedade contemporânea tal como efetivamente ocorre; surgimento de um sujeito histórico coletivo, não-hierarquizado, em luta contra as discriminações de acesso aos bens da modernidade e, ao mesmo tempo, crítico de seus efeitos nocivos, a partir da fundamentação de suas ações em valores tradicionais, solidários e comunitários; a política ganha centralidade na análise e passa a ser uma dimensão da vida social, abarcando todas as práticas sociais; os atores sociais são analisados por suas ações coletivas e pelas suas identidades coletivas criadas por grupos e não por estruturas sociais (GOHN, 1997, pp. 121-124).

Em suma, os novos movimentos sociais recebem uma nova atenção por parte do historiadores, pois, os mesmos passam a interpretá-los como novos sujeitos históricos, representantes de diferentes aspirações sociais. Do mesmo modo, são capazes de transformar a realidade e as estruturas que balizam a sociedade capitalista ao “articular suas reivindicações singulares e autênticas com a denúncia à lógica destrutiva do capital” (ANTUNES, 2001, p. 216), como é o caso dos zapatistas.

3 MAPEANDO A ARTE

Apesar de terem surgido publicamente para o mundo em 1994 com o Exército Zapatista, o movimento zapatista tem suas raízes mais profundas e sua semente plantada muito antes de se exporem ao México e à comunidade internacional no grande dia da festa neoliberal norte-americana. Os zapatistas expressam a tamanha complexidade de um movimento que incorpora as lutas dos trabalhadores modernos, mas que anuncia serem produto da “longa noite dos 500 anos”, fazendo uma referência direta à colonização espanhola e demais expropriações, sejam elas culturais, territoriais, epistemológicas, ou de qualquer outro tipo; movimento demasiado complexo pois, por ser indígena, é preenchido pela cosmovisão desses povos, o que, inclusive, provoca mudanças cruciais em sua forma e conduta – ressignificando, por exemplo, conceitos clássicos da luta armada latino-americana como a ideia de *revolução*; um movimento tão complexo quanto a conjuntura político-social latino-americana e que, talvez por ter compreendido isso, venha causando tanto impacto na realidade.

Perante a complexidade do movimento, é quase que impossível determinarmos uma organicidade do mesmo. Tendo as Fuerzas de Liberación Nacional (FLN)⁶ como base, o Exército Zapatista surgiu a partir do encontro de um grupo guerrilheiro formado na guerrilha cubana de cunho marxista-leninista e um grupo indígena maia nas entranhas da Selva Lacandona: “Foram seis os guerrilheiros que instalaram, em 17 de novembro de 1983, o primeiro acampamento das Forças de Libertação Nacional em algum lugar da Selva Lacandona” (VOS, 2002, p. 335. Tradução do autor). A partir desse sincretismo ideológico, surgiu o Exército Zapatista de Libertação Nacional e, não obstante, carregando consigo as peculiaridades de sua formação.

Destarte, o zapatismo abrange as mais diversas esferas das problemáticas sociais e reitera sua imagem de movimento que pode ser visto tanto vanguardista, quanto contraditório

⁶ Fundada por Ángel López em 6 de agosto de 1969, com o apoio financeiro e logístico do governo cubano, as Fuerzas de Liberación Nacional (FLN) objetivavam criar um foco guerrilheiro em Chiapas, mais especificamente, na Selva Lacandona (VOS, 2002).

(o que uma coisa não desqualifica a outra). Para além do movimento armado, o zapatismo também é movimento cultural, ideológico, metodológico, alegórico, seminal e inacabado. Isto posto, as produções científicas que compreendem o zapatismo, de mesmo modo, também são diversas e abarcam todo um universo, perpassando pelos mais diferentes métodos, olhares e problemáticas, de modo que, mapear toda a produção historiográfica/científica que busca no zapatismo seu objeto de investigação seria uma atividade que extrapolaria as possibilidades deste artigo. Portanto, nas próximas linhas tentaremos mapear a arte zapatista brasileira: o que se tem discutido sobre os zapatistas no Brasil no âmbito acadêmico? Quais as problemáticas mais recorrentes? Como se tem interpretado tão complexo e vasto movimento? Essas serão as nossas perguntas norteadoras para seguirmos caminhando.

Um primeiro passo que podemos dar em direção ao intento de mapear como a literatura zapatista brasileira aborda o movimento, está na problemática da sua gênese, em outras palavras das suas raízes históricas. Alejandro Buenrostro y Arellano, ao lançar a obra “As Raízes do Fenômeno Chiapas: O Já Basta da resistência zapatista” (2002a), buscou uma maior proximidade junto aos zapatistas para ir às suas raízes e compreender as contribuições do movimento para a construção de um outro México. Aspecto de grande contribuição, trazido à tona pelo estudo de Buenrostro y Arellano, se dá no convívio direto do autor com os povos *tzeltals*⁷, participando de sua luta cotidiana e pensando questões sobre a vida econômica, social, política e cultural, bem como de questões relativas aos aspectos governamentais, indigenistas, identitários e conjunturais, além de oferecer uma verdadeira cronologia da luta zapatista, desde as suas raízes – como denuncia o título da obra. Ainda no mesmo ano, Alejandro Buenrostro y Arellano e Ariovaldo Umbelino de Oliveira (2002b) organizaram a obra “Chiapas: construindo a esperança”, na qual dispomos de uma compilação de ensaios que abordam o levante zapatista desde a sua origem e história, passando pelas questões de relações de poder, autonomia, democracia, embates com o governo mexicano, direitos indígenas, violência indígena e, até mesmo, ensaios de renomados pensadores e literatos simpatizantes à causa, tais como José Saramago, Manuel Vázquez Montalbán, Antonio Candido, José de Souza Martins e Pedro Casaldáliga. Esses estudos se complementam e trazem contribuições significativas para a compreensão do movimento zapatista nas suas mais diversas esferas.

⁷ Etnia indígena de origem maia, com língua própria e localizado nos Altos e no norte de Chiapas.

As origens do movimento zapatista, de fato, despertaram e continuam despertando o interesse de grande parte da comunidade acadêmica. Emilio Gennari (2005) ao escrever “EZLN: passos de uma rebeldia” apresentou uma obra de grande valor didático para se ter uma introdução à insurgência zapatista. Tratando-se do movimento zapatista um movimento clandestino, rebelde, encabeçado por indígenas, localizados no estado mais pobre do México, de modo que, apenas quando cobriram seus rostos eles foram capazes de serem notados, a obra didática de Gennari se faz de suma importância para a produção bibliográfica sobre o assunto. Gennari utiliza-se em sua narrativa do artifício da ação de uma personagem – a coruja Nádia – e conduz todo o seu livro numa linearidade temporal, desde a formação do Exército Zapatista, perpassando pelo levante em 1994, a reação da comunidade civil, a reação do México e do Mundo e os passos seguintes ao levante realizados pelos zapatistas em busca de uma melhor estruturação e organização para seguirem consistentes em busca de suas demandas básicas: trabalho, terra, teto, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz. Sendo portanto, como dito, uma obra de caráter introdutório ao vasto universo zapatista.

Ainda no campo das investigações acerca dessa gênese zapatista, como definimos, está a obra “Abaixo e à Esquerda: Uma Análise Histórico-Social da Práxis do Exército Zapatista de Libertação Nacional”, de Alexander Maximilian Hilsenbeck Filho (2007)⁸. Hilsenbeck Filho⁹ estuda o zapatismo com o intuito de alcançar uma análise das causas e motivações do movimento para a sua insurgência em armas, desde o desenvolvimento do seu processo de luta e do seu projeto político, a fim de apresentar um quadro analítico que possibilite apontar o papel ocupado pelo zapatismo na luta social, bem como as possíveis limitações e superações que estas experiências trazem consigo para o pensamento e para os movimentos sociais. Para tanto, o autor perpassa pelos fundamentos do levante indígena em Chiapas; a luta indígena zapatista por “um mundo onde caibam muitos mundos”; e uma discussão teórica acerca da conceitualização de novas relações e práticas sociais propostas pelo movimento.

⁸ Dissertação apresentada para obtenção de título de mestre em Ciências Sociais, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília.

⁹ Alexander Maximilian Hilsenbeck Filho, juntamente com Erahsto Felício, foi responsável por organizar a obra “Nem o Centro e nem a periferia: sobre cores, calendários e geografias”, no ano de 2008, onde é compilada uma série de discursos do Subcomandante Marcos que falam sobre aspectos importantes do movimento zapatista, tais como as teorias científicas, o reconhecimento das diferenças, a guerra capitalista, a terra e a memória histórica.

No mesmo ano de 2007, Sebastião Leal Ferreira Vargas Netto se debruçou sobre outro aspecto fundamental da luta zapatista e de sua configuração fundamental enquanto movimento: a mística. Em seu trabalho intitulado “A Mística da Resistência: Culturas, histórias e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino-americanos”¹⁰, como o próprio título anuncia, Vargas Netto perscruta questões pouco exploradas quando se trata de um trabalho científico histórico, o autor trata de questões como mística, rituais, imaginários, festas, enquanto elementos da composição cultural/mística/artística do movimento, mas do mesmo modo, enquanto manifestações de resistência às estruturas capitalistas. Vargas Netto traz discussões pertinentes acerca de simbolismos e místicas, mas também nos propõe interpretações valiosíssimas sobre questões de identidade, dignidade, exclusão social, tradição e modernidade, cultura e a ressignificação constante de um movimento que é inovador e busca se inovar a todo momento. Resultado de uma densa pesquisa de campo e bibliográfica, Sebastião Vargas abre os horizontes para a compreensão de movimentos sociais (MST e Zapatismo, especificamente em sua tese) ao explorar fontes diversas e compreender relações históricas que estão entranhadas no imaginário e nas relações dos povos com sua cultura, seus hábitos, sua terra, seus antepassados, seus sentidos e toda a sua tradição. Consistindo, portanto, numa obra de suma importância dentro da historiografia brasileira dos movimentos sociais e, especificamente, do zapatismo.

Situado no que foi definido enquanto Novos Movimentos Sociais, será recorrente a aparição de problemáticas no movimento zapatista associada às idiossincrasias destes novos movimentos. A problemática do recurso à internet e sua publicização mundo afora – ou “espetacularização”, como defendera Figueiredo (2003), foi um desses temas explorados. No ano de 1997, Pedro Henrique Falco Ortiz desenvolveu a pesquisa “Z@patistas on-line: uma análise sobre o EZLN e o conflito em Chiapas, sua presença na internet e a cobertura da imprensa mexicana, argentina e brasileira”¹¹, na qual o autor buscou enfocar o conflito de Chiapas e a insurgência zapatista a partir de uma perspectiva comunicacional e jornalística, buscando contextualizar os zapatistas com suas relações históricas, políticas, sociais e culturais e como os mesmos recorreram aos meios de comunicação virtuais (internet) como

¹⁰ Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em História Social.

¹¹ Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo (USP).

uma estratégia de sobrevivência ao realizarem um diálogo direto com a população civil e sua sensibilização à causa zapatista, evitando um evidente genocídio por parte do exército mexicano contra os povos indígenas rebeldes. Com isso, Ortiz levantou uma das problemáticas recorrentes nos trabalhos que versam sobre os zapatistas: as suas estratégias de guerra; as suas ocupações no ciberespaço; e o envolvimento direto da sociedade civil mexicana em suas lutas e causas. O autor ainda levanta a problemática acerca da cobertura jornalística do conflito nos principais meio de comunicação do México, Argentina e Brasil, discutindo suas reflexões e interpretações sobre a complexidade do fenômeno zapatista.

Explorando a problemática das estratégias de guerra do EZLN, Guilherme Gitahy de Figueiredo, ao escrever “A Guerra é o Espetáculo: Origens e Transformações da Estratégia do EZLN” no ano de 2003¹², enxergou no zapatismo uma inovação estratégica ao não almejar a substituição do sistema, mas a sua reforma, de modo que

[...] sua estratégia, inovadora, coloca a violência armada a serviço da abertura de espaços de diálogo com o governo. E a maior novidade estaria nas táticas que incluem o uso da internet, que permitiu a formação de uma rede de comunicação e solidariedade internacional que foi o diferencial na guerra (FIGUEIREDO, 2003, pp. 16-17).

Com isso, o autor busca elaborar uma definição diferente para o conceito de estratégia, de modo que, a estratégia corresponde

[...] aos padrões da prática, da organização e do discurso que estão relacionados à sobrevivência e aos objetivos do movimento. Não se trata, portanto, dos planos mais gerais do EZLN, mas da maneira como na prática esta guerrilha, e depois o movimento zapatista mais amplo formado ao seu redor, foi se formando do amálgama dos resultados de esforços voluntários e de adaptações inconscientes às realidades encontradas (FIGUEIREDO, 2003, p. 17).

Por fim, assumindo esta estratégia, também, na habilidade do EZLN ao lidar com a comunicação, com as redes de solidariedade formadas e que ampliaram o zapatismo mundo afora promovendo a "espetacularização" do movimento, sendo o “espetáculo” um dos elementos constitutivos da política e da estratégia de guerra zapatista.

Ainda no tocante à relação da insurgência zapatista e sua utilização das mídias, José Gaspar Bisco Junior (2007) escreveu “Guerrilha em foco: a presença na mídia do discurso Zapatista, de seu surgimento até a Quinta Declaração da Selva Lacandona”¹³ e buscou

¹² Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

¹³ Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

compreender "como os zapatistas utilizaram-se das tecnologias de comunicação para divulgar e dar forma à suas lutas e reivindicações" (BISCO JÚNIOR, 2007, p. 08). Para tanto, a investigação do autor partiu das análises socioeconômicas do estado de Chiapas, reconstruindo os processos que levaram ao surgimento do EZLN até as manifestações políticas do movimento, englobando sua habilidade retórica e artística e a utilização da internet enquanto uma nova ferramenta para os movimentos sociais e, de mesmo modo, para o controle da informação pelos Estados e abordando não apenas a luta política, mas também a "luta cultural" das tradições dos povos maias.

Uma última investigação que pudemos mapear, no tocante ainda à difusão e influência zapatista mundo afora, utilizando-se das mídias e internet, foi o trabalho intitulado "A Ação Global dos Povos e o novo anticapitalismo", do ano de 2017¹⁴. Neste estudo o autor Bruno de Matos Fiuza adentra às problemáticas da globalização e do neoliberalismo e de um movimento, a partir dos anos 1990, denominado de anticapitalismo global. Em sua pesquisa, Fiuza relaciona a emergência dessa nova forma de ativismo a partir dos impactos diretos do levante zapatista de 1994 e, por conseguinte, a formação de uma rede mundial de luta contra a globalização neoliberal que se mobilizou em solidariedade ao EZLN. Fiuza enfatiza, portanto, O caráter protagonista dos zapatistas na formação desse movimento mais amplo. Segundo o autor, o "Já basta!" zapatista é o marco para que apoiadores do EZLN no México e no resto do mundo iniciassem uma rede transnacional de solidariedade e, através de seus comunicados, se sensibilizassem "devido à capacidade do movimento de projetar sua luta para além do âmbito particular em que ela se dava, permitindo que pessoas vivendo em contextos políticos, econômicos e culturais muito distintos se identificassem com a sua mensagem" (FIUZA, 2017, p. 152).

Outro aspecto notável promovido pelos zapatistas e que, de mesmo modo, os oferece uma possibilidade a mais de serem percebidos enquanto um movimento de vanguarda, ou dissidente das guerrilhas tradicionais, consiste na participação direta de lideranças femininas no movimento. Lideranças como as Comandantas Esther e Ramona, por exemplo, apareceram como figuras icônicas da luta feminina e indígena dentro do Exército Zapatista. Não à toa, a temática das mulheres também reverberou, diretamente, nas produções científicas acerca do

¹⁴ Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).

movimento. Com isso, no ano de 2012, Priscila da Silva Nascimento ao escrever "Mulheres zapatistas: poderes e saberes. Uma análise das reivindicações das mulheres indígenas mexicanas na luta por seus direitos - anos 1990"¹⁵ buscou explorar a presença de espaços no movimento zapatista para tratar da questão da mulher indígena, no tocante aos seus direitos, protagonismos e revisão de papéis de gênero no cotidiano das comunidades indígenas. Isto posto, a autora visa identificar as reivindicações e transformações na experiência das mulheres indígenas zapatistas nos seis primeiros anos de visibilidade do movimento (1994 – 2000) e apreender as singularidades que o cercam como um espaço de interesse de atuação dessas mulheres. Por fim, a pesquisa ainda aponta para a perspectiva de um feminismo indígena, que, para a autora, o feminismo indígena

[...] reforça a necessidade de se pensar os problemas enfrentados pelas mulheres a partir de sua diversidade cultural. Entendendo que a exclusão que incorre às mulheres indígenas não se deve apenas à sua condição genérica, mas à sua condição de classe e étnica, reforçam em quase todos os discursos, inclusive as zapatistas, que sua exclusão se deve ao fato de serem mulheres, pobres e indígenas (NASCIMENTO, 2012, p. 162).

Outro trabalho realizado acerca da problemática das mulheres foi o de Clara Cecilia Seguro da Silva, "Memória das mulheres zapatistas: participação, mobilização e a construção do ser mulher no movimento zapatista", no ano de 2018¹⁶. Nesse trabalho recente, a autora, tal qual Priscila da Silva Nascimento, perscruta o espaço da luta das mulheres no movimento zapatista, com o intuito de compreender o processo de mobilização e participação política das mulheres nas comunidades zapatistas, bem como as motivações que levaram as mulheres a participarem do movimento e analisar a memória das mulheres que, em algum nível, estiveram relacionadas ao movimento. Através de entrevistas e análises dos discursos zapatistas, o trabalho traz uma importante contribuição na compreensão das estruturas patriarcais existentes nas tradições indígenas e como a participação política ativa das mulheres favorece a construção de memórias de resistência, contribuindo para a "análise empírica da formação da identidade dentro de um movimento como o zapatista, e da memória social como norteadora da construção da identidade dentro dos movimentos, a partir de uma análise do cotidiano, em visão microsocial" (SILVA, 2018, p. 181).

¹⁵ Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UNESP, campus de Marília para obtenção de título de Mestre em Ciências Sociais.

¹⁶ Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política.

Indo de encontro ao movimento global de solidariedade aos zapatistas, difundido, em grande medida, pela internet e atraindo os olhos para Chiapas de representantes dos mais diversos setores e movimentos sociais antissistêmicos – como foi problematizado por Davi Matias Marra Demuner (2017), que ao escrever "O Movimento Zapatista e a Solidariedade de Classe Transnacional: Uma análise da luta de classes na globalização"¹⁷, analisou o zapatismo enquanto uma das formas de ações coletivas organizadas capazes de mobilizar uma correlação de forças favoráveis ao desenvolvimento social em detrimento do capitalismo –, no ano de 2013 os zapatistas realizaram a sua *Escuelita*. A *Escuelita Zapatista* abriu as portas das comunidades autônomas zapatistas para pessoas do mundo inteiro, onde puderam conviver com os povos indígenas de Chiapas e aprender na prática as suas vivências e lições oriundas de suas lutas históricas. Resultado da *Escuelita*, no ano de 2014, Luiz Antônio Barbosa Guerra Marques escreveu uma dissertação intitulada "Democracia, Justiça e Liberdade: Lições da Escuelita Zapatista"¹⁸. Fiel ao seu título, o autor buscou, a partir de sua vivência de campo na *Escuelita*, analisar de que forma categorias cristalizadas no desenvolvimento político da modernidade são mobilizadas pelos zapatistas na argumentação do seu projeto político, instituições autônomas e práticas cotidianas das comunidades rebeldes, pois, segundo o autor, "grande parte do discurso político do zapatismo é construído sobre as categorias que se consolidaram com o desenvolvimento da modernidade europeia" (MARQUES, 2014, p. 23). Sendo assim, o trabalho tem por objetivo central analisar os aspectos da modernidade ressignificados pelos zapatistas, principalmente os valores de "democracia", "justiça" e "liberdade", com o intuito de perceber no zapatismo uma possibilidade de abertura de caminhos "para pensar formas concretas e alternativas de organizações autônomas no mundo moderno" (MARQUES, 2014, p. 25).

Um dos aspectos da luta zapatista que mais chamou a atenção do mundo e da academia brasileira foi o da *autonomia*. O projeto autonômico zapatista, praticado em seus territórios e seus modos de sociabilidades, aparece para o mundo como uma manifestação de resistência ao neoliberalismo e às estruturas e valores capitalistas que regem o mundo globalizado, aparece, em suma, como uma alternativa de outro mundo possível. Isto posto,

¹⁷ Dissertação apresentada ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Relações Internacionais.

¹⁸ Dissertação apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília/UnB como partes do requisito para obtenção de título de Mestre.

diversos intelectuais brasileiros passaram a enxergar na autonomia zapatista um objeto rico de pesquisa para se pensar os problemas não apenas de Chiapas, mas do mundo. Neste sentido, Alyne dos Santos Gonçalves (2008), buscou retomar o processo histórico de construção dos governos autônomos zapatistas ao escrever "As Autonomias Zapatistas: uma construção rebelde de novos sujeitos políticos (1994-2008)"¹⁹. Neste sentido, Alyne dos Santos Gonçalves (2008), buscou retomar o processo histórico de construção dos governos autônomos zapatistas ao escrever "As Autonomias Zapatistas: uma construção rebelde de novos sujeitos políticos (1994-2008)". Adentrando à história de Chiapas e da Selva Lacandona, Gonçalves enxergou a autonomia zapatista como produto de influências recebidas de outras experiências autonômicas levadas a cabo na região, nas décadas de 1970 e 80, bem como nas características específicas que o movimento foi desenvolvendo a partir de sua percepção particular em relação ao poder e ao conteúdo da autonomia, considerada um dos direitos coletivos mais importantes para a inclusão dos povos indígenas à sociedade nacional em condições de igualdade e justiça. Destarte, para a autora a autonomia erguida pelos zapatistas assume uma função enquanto alternativa na construção de sujeitos políticos ativos e livres.

Outra obra importante para se pensar a autonomia zapatista num contexto mais amplo, consiste no livro organizado por Antonio Carlos Amador Gil (2011) "Identidades Étnicas e Autonomia na América Latina: Novos olhares a partir do movimento neozapatista"²⁰. A obra organizada por Gil se faz importante pois, além de abordar temáticas propriamente relativas à constituição histórica do projeto autonômico zapatista, desde a sua gênese, perpassando pelos diálogos com o povo e com o governo, até a sua efetivação, ainda aborda questões pertinentes para pensarmos o ser indígena na América Latina e na modernidade. O livro conta, por exemplo, com capítulos voltados para as novas representações do indígena e da indianidade construídas pelos zapatistas no México e também para questões sobre pluralismos étnicos, fomentando, assim, novas possibilidades de se interpretar as identidades indígenas na América Latina.

¹⁹ Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, da Universidade Federal do Espírito Santo, como pré-requisito para obtenção do título de mestre.

²⁰ A obra está inserida na coleção Rumos da História, uma publicação do Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas e do Núcleo de Pesquisa e Informação Histórica da Universidade Federal do Espírito Santo.

A problemática acerca da autonomia zapatista inspirou outros trabalhos a versarem sobre: "Autonomia, Nação e Classe: o projeto zapatista das comunidades lacandonas para o México (1994-2004)", de Leandro Machado de Souza (2014)²¹, no qual foi trabalhada as lutas indígenas históricas, a influência da Igreja Católica com a Teologia da Libertação na formação dos indígenas e o projeto de autonomia para, ao fim, pensar o zapatismo enquanto um agente classista; "Por uma geografia da autonomia: a experiência da autonomia territorial zapatista em Chiapas, México", de Fábio Márcio Alkmin (2015)²², que interpreta o movimento zapatista como um divisor de água no contexto das organizações indígenas e emergências políticas latino-americanas, e analisa a organização espacial dos territórios autônomos zapatistas e suas relações sócio-espaciais, buscando enxergar os limites e potencialidades que o modelo autonômico zapatista oferece a outros grupos indígenas, situando a discussão, portanto, para além dos limites propriamente físicos-espaciais; por último, "Autonomía indígena: el caso del reconocimiento de la autonomía regional en nicaragua y de la resistencia autónoma del movimiento zapatista en México", do mexicano Waldo Lao Fuentes Sánchez (2018), merece um destaque. Apesar de mexicano, Fuentes Sánchez incorpora o nosso mapeamento acerca das produções acadêmicas sobre o zapatismo, pois a sua pesquisa referente ao tema foi concebida na Universidade de São Paulo²³, onde o autor tentou analisar historicamente a luta pelo reconhecimento da autonomia dos povos indígenas na América Latina, a partir das experiências na Nicarágua, sob o governo Sandinista, e a experiência zapatista. Portanto, em sua tese o tema da autonomia, diferentemente de como foi tratado por outros autores, consiste na autonomia dos povos indígenas, ou seja, nas suas livres determinações enquanto povos indígenas, e não uma autonomia que se reduza aos territórios ou resistência ao capitalismo – questões que, sem dúvidas, também são englobadas em seu texto.

Em suma, o levante zapatista no dia 1 de janeiro de 1994 foi marcante não apenas para o México, mas para todo o mundo, pois, em torno deste movimento, percebemos um marco

²¹ Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História Social, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, município de Seropédica.

²² Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia Humana.

²³ Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências.

para os estudos dos novos movimentos sociais. Seja através de suas lutas cibernéticas, no ciberespaço, onde os zapatistas souberam ocupar e se propagar mundo afora, por meio de uma rede global simpática à causa dos rebeldes de Chiapas; seja através de suas lutas em direção a autonomia e o desenvolvimento complexo desta categoria aplicado pelos zapatistas; seja na reconstrução histórica de suas lutas, remetendo a lutas do passado, a identidade mexicana, às estruturas capitalistas, ao colonialismo e outros termos de longa duração histórica; ou seja em diferentes outros problemas que os zapatistas também assumem como seus e inspiram pesquisadores a se inspirarem nos zapatistas, como no tocante à questão da educação e direitos humanos, como foi abordado por Juliana Silva dos Santos (2008) ao analisar a educação autônoma zapatista enquanto instrumento político de suas lutas e organizações sociais²⁴; e por Clécio Ferreira Mendes (2005), que realizou um estudo comparativo das concepções educacionais entre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), no Brasil e do EZLN, no México, interpretando como as reivindicações histórica dos camponeses se manifestam nas propostas pedagógicas de ambos os movimentos que têm na terra um de seus aspectos centrais de lutas e histórias²⁵; como na construção da figura do Subcomandante Marcos²⁶, como foi o caso de Frederico Souza de Queiroz Assis (2013), ao investigar como se construiu, historicamente, a figura de Marcos e levantando questões como a dissolução da individualidade de Marcos para se transformar em um símbolo do ideário zapatista²⁷; ou como Leandro Marcelo Cisneiros (2014) trabalhou o movimento realizando um estudo voltado para a análise das categorias de *dignidade e rebeldia*, inseridas na resistência, sob um contexto de biopolítica – já adentrando às discussões foucaultianas²⁸; ou, até mesmo, como fez Lucas da Costa Maciel (2018) ao abordar o zapatismo enquanto problemática para se estudar estética e história da arte, através de um estudo etnográfico sobre a arte mural zapatista, situadas nas

²⁴ Ver SANTOS, Juliana Silva dos. **O movimento zapatista e a educação: direitos humanos igualdade e diferença**. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

²⁵ Ver MENDES, Clécio Ferreira. **"Para soletrar a liberdade": as propostas educacionais do movimento zapatista no México e dos Sem-Terra no Brasil na década de 90**. 2005. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Pontifícia Universidade Católica São Paulo, São Paulo, 2005.

²⁶ Principal porta voz nos anos iniciais do movimento e que recebeu grande destaque na mídia e entre intelectuais pela sua habilidade em manejar as palavras.

²⁷ Ver ASSIS, Frederico Souza de Queiroz. **Para Além do Cachimbo de Magritte: Messianismo e Utopia na Construção da Figura do Subcomandante Marcos**. 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

²⁸ Ver CISNEIROS, Leandro Marcelo. **Guerra e política nas comunidades zapatistas de Chiapas-México: resistência e criação**. 2014. 935 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

paredes dos edifícios públicos do movimento e indagando sobre “o que faz um mural zapatista?”²⁹.

Isto posto, como pudemos atestar, o zapatismo, de fato, assume um caráter multiforme e seminal que se reproduz nas mais diferentes abordagens sobre o tema na academia brasileira. Desde as raízes históricas e suas relações com os movimentos de resistência ao colonialismo de longa duração, passando pelas discussões acerca das estruturas capitalistas, da identidade indígena, da autonomia territorial e coletiva, dos direitos, das utopias, das místicas, das comunicações, das artes e da estética, os zapatistas apresentaram para o mundo em 1994 não um capítulo a mais das lutas antissistêmicas latino-americanas, mas uma nova manifestação coletiva de se pensar outros mundos possíveis.

4 CONCLUSÃO

A evolução no estudo dos movimento sociais caminhou conjuntamente com a evolução da História como ciência. Caracterizando-se por conceber uma nova condição histórica, e estando o conhecimento histórico associado, diretamente, às condições históricas às quais ele é produzido, a História, como disciplina, passou a ser estudada, pois, não mais pelos mesmos paradigmas, teorias e métodos de outrora, mas por uma nova perspectiva, na qual o sujeito passou a ser pensado como uma produção histórica (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007), sendo assim, os povos de baixo³⁰, organizados em movimentos populares, passaram a ser enxergados como sujeitos protagonistas no processo histórico. Os movimentos sociais passaram, então, a serem interpretados sob uma ótica de pertencimento da realidade histórica e de força motriz das transformações no processo histórico. Com isso, complexificaram-se as análises estruturalistas da sociedade moderna capitalista; as análises dos discursos e seus poderes de construção de identidade; os poderes simbólicos que permeiam nossa vivência em sociedade; e vão além na tentativa de buscar uma transformação estrutural nos âmbitos sociais, políticos e econômicos. Logo, ao tratarmos dessa amplitude

²⁹ Ver MACIEL, Lucas da Costa. **Os murais zapatistas e a estética tzotzil**: pessoa, política e território em Polhó, México. 2018. 259 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

³⁰ Aqui me refiro a povos que travam lutas históricas em busca de uma maior igualdade e reconhecimento social, não se resumindo apenas a lutas pela terra, ou meios de produção.

dos movimentos sociais, perscrutar o movimento zapatista é um exercício preponderante no amadurecimento dessa historiografia, pois, o zapatismo surge como movimento indígena, porém, assumindo as demandas de qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, dizendo “já basta!”³¹.

Finalmente, buscamos neste artigo ressaltar essa discussão, ainda que incipiente, sobre a transição da compreensão científica acerca dos movimentos sociais, e a emergência de novos movimentos sociais, englobando novas esferas e condições de lutas, aqui representados pelo movimento zapatista. Por fim, ao realizar um mapeamento da arte zapatista produzida na academia brasileira, podemos atestar as diferentes esferas que o movimento vem atingindo no estudo do mundo e das sociabilidades na modernidade e no mundo capitalista. Somando-se à bibliografia brasileira com bibliografias de renomados pesquisadores como Jérôme Baschet, Gilberto López y Rivas, Pablo González Casanova, Raúl Zibechi, Francisco López Barcenas, Guiomar Rovira, Luis Hernández Navarro, Héctor Díaz Polanco, Yvon Le Bot, Bruno Baronnet, entre outros, podemos enxergar nos estudos zapatistas relevantes contribuições para as crises sociais, políticas e econômicas do tempo presente na América Latina e no mundo globalizado.

5 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história: Bauru, SP: Edusc, 2007.

ALKMIN, Fábio Márcio. **Por uma geografia da autonomia: a experiência da autonomia territorial zapatista em Chiapas, México**. 2015. 195 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ASSIS, Frederico Souza de Queiroz. **Para Além do Cachimbo de Magritte: Messianismo e Utopia na Construção da Figura do Subcomandante Marcos**. 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BARROS, José D'Assunção. A História Social: seus significados e seus caminhos. LPH: **Revista de História**, Ouro Preto, v. 15, p.235-256, 2005.

³¹ Marcos é todas as minorias intoleradas, oprimidas, resistindo, explodindo, dizendo já basta!”. MARCOS, Subcomandante Insurgente. **El Viejo Antonio: En la montaña nace la fuerza, pero no se ve has que llega abajo**. Chiapas, 1994.

BISCO JUNIOR, José Gaspar. **Guerrilha em foco**: a presença na mídia do discurso Zapatista, de seu surgimento até a Quinta Declaração da Selva Lacandona. Juiz de Fora, UFJF. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.

BRAUDEL, Fernand. A longa duração. In: **Escritos sobre a História**. Lisboa: Perspectiva, 1992.

BUENROSTRO Y ARELLANO, Alejandro. **As raízes do fenômeno Chiapas**: o já basta da resistência zapatista. São Paulo: Alfarrábio, 2002a.

BUENROSTRO Y ARELLANO, Alejandro; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). **CHIAPAS**: construindo a esperança. São Paulo: Paz e Terra, 2002b.

CISNEIROS, Leandro Marcelo. **Guerra e política nas comunidades zapatistas de Chiapas-México**: resistência e criação. 2014. 935 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

DEMUNER, Davi Matias Marra. **O Movimento Zapatista e a Solidariedade de Classe Transnacional**: Uma análise da luta de classes na globalização. 2017. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Economia Política Internacional, Instituto de Economia e Relações Internacionais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017

FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de. **A Guerra é o Espetáculo**: Origens e Transformações da Estratégia do EZLN. 2003. 366 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2003.

FIUZA, Bruno de Matos. **A Ação Global dos Povos e o novo anticapitalismo**. 2017. 248 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

GENNARI, Emilio. **EZLN Passos de uma rebeldia**. São Paulo: Expressão Popular, 2005

GIL, Antonio Carlos Amador et al (Org.). **IDENTIDADES ÉTNICAS E AUTONOMIA NA AMÉRICA LATINA**: Novos olhares a partir do movimento neozapatista. Vitória: Npnh Publicações, 2011. 132 p.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos e lutas sociais na história do Brasil. São Paulo: Loyola, 1995.

GOHN, Maria da Glória. Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

GONÇALVES, Alyne dos Santos. **As Autonomias Zapatistas**: uma construção rebelde de novos sujeitos políticos (1994 - 2008). 2008. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social das Relações Políticas, Departamento de História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

HILSENBECK FILHO, Alexander Maximilian. **Abaixo e à Esquerda**: Uma Análise Histórico-Social da Práxis do Exército Zapatista de Libertação Nacional. 2007. 247 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

MACIEL, Lucas da Costa. **Os murais zapatistas e a estética tzotzil**: pessoa, política e território em Polhó, México. 2018. 259 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MARQUES, Luiz Antônio Barbosa Guerra. **Democracia, Justiça, Liberdade**: Lições da Escuelita Zapatista. 2014. 128 f. Dissertação (Departamento de Sociologia) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MARTINS, Gelise Cristine Ponce. O estudo dos movimentos sociais. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 132, p.128-139, maio 2012. Mensal.

MENDES, Clécio Ferreira. **"Para soletrar a liberdade"**: as propostas educacionais do movimento zapatista no México e dos Sem-Terra no Brasil na década de 90. 2005. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Pontifícia Universidade Católica São Paulo, São Paulo, 2005.

NASCIMENTO, Priscila da Silva. **Mulheres zapatistas**: poderes e saberes: Uma análise das reivindicações das mulheres indígenas mexicanas na luta por seus direitos - anos 1990. 2012. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de São Paulo, Marília, 2012.

ORTIZ, Pedro Henrique Falco. **Z@patistas on-line**: uma análise sobre o EZLN e o conflito em Chiapas, sua presença na internet e a cobertura da imprensa mexicana, argentina e brasileira. 1997. 590 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

PAOLI, Maria Célia; TELLES, Vera da Silva. Direitos sociais. Conflitos e negociações no Brasil contemporâneo. In: ALVAREZ, Sonia et al. (org.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In.: LANDER, Edgardo (org.). **A Colonialidade do Saber** - Eurocentrismo e Ciências Sociais - Perspectivas Latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, Juliana Silva dos. **O movimento zapatista e a educação**: direitos humanos igualdade e diferença. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SILVA, Clara Cecilia Seguro da. **Memória das mulheres zapatistas**: participação, mobilização e a construção do ser mulher no movimento zapatista. 2018. 195 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SOARES, Felipe Paiva. Eric Hobsbawm (IN MEMORIAN): notas para leitura dos movimentos sociais pré-políticos. **Revista de Teoria da História**, Goiás, n. 9, p.211-227, jul. 2013.

SOUZA, Leandro Machado de. **Autonomia, Nação e Classe**: o projeto zapatista das comunidades lacandonas para o México (1994-2004). 2014. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2014.

SUBCOMANDANTE INSURGENTE MARCOS. **Nem o centro e nem a periferia**: sobre cores, calendários e geografias. Erahsto Felício e Alex Hilsenbeck (org.). Coletivo Protopia S.A. e Danilo Ornelas Ribeiro, tradução. Porto Alegre: Deriva, 2008, 192 p.

SÁNCHEZ, Waldo Lao Fuentes. **Autonomía indígena**: el caso del reconocimiento de la autonomía regional en nicaragua y de la resistencia autónoma del movimiento zapatista en México. 2018. 238 f. Tese (Doutorado) - Curso de Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

VARGAS NETTO, Sebastião Leal Ferreira. **A mística da resistência**: culturas, histórias e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino-americanos. São Paulo, USP. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, 2007.

VOS, Jan de. **Una tierra para sembrar sueños**: Historia reciente de la Selva Lacandona (1950-2000). México: FCE, CIESAS, 2002.